

# A *bildung*<sup>1</sup> do professor

ANDRADE, Maria Celeste de Moura.

## Resumo

Pensar a educação, com Nietzsche, é nunca parar de pensar a educação. A proposta deste ensaio é pensar, com Nietzsche, a formação (*bildung*) de professores, desestabilizando alguns conceitos tradicionalmente instituídos sobre ela. É pensar essa formação não como algo externo, pragmático, aplicável às pretensas exigências do mercado, mas algo interno, uma auto-formação, que re-signifique as *verdades* que nos foram sendo impostas sobre o ser humano, o ensino, a vida, o mundo. (Re)pensar as *metanarrativas* que se entrecruzam na formação de professores constitui uma possibilidade de questionar o *bom mocismo* e o *pluralismo cultural benigno* que atravessa o discurso de muitas licenciaturas. A fuga desses regimes de verdade paternalistas e moralizantes nos leva à problematização do discurso da “educação para todos” que resultou na massificação e apequenmento da formação de professores. Sem pretender propor novas verdades sobre o tema, o que o texto sugere, é uma reflexão sobre a educação enquanto fenômeno estético da existência humana, que, como tal, necessita ser contínua e repetidamente re-inventado. Nesse sentido, remete a nós, professores, a problematizarmos as *tecnologias do eu* que têm nos instituído como sujeitos “ensinantes” de verdades impostas de fora.

**Palavras-chave:** formação (*bildung*) de professores – Nietzsche – tecnologias do eu.

## Abstract

To think about education, with Nietzsche, is never stop thinking education. This essay's proposal is to think about the teacher's formation (*bildung*), disestablishing some concepts traditionally set up about it. It is to think this formation not like something extern, pragmatic, applicable to pretense market requirements, but something intern, one self-formation, that re-signifies the *truths* that were imposed to the human being, the teaching, the life and the world. To (re) think about *great narratives* that intercross among teacher's formation consists in one possibility of discussing the *one big happy family ideology* that crosses the discourse of many licenciateship. The escape from these paternal and moralize truth regimes sends us to question the discourse of “education for all” that resulted in the impoverishment of teacher's formation. Without proposing new truths about such subject, what the text suggests is one reflection about education as an aesthetical phenomenon of human existence, that must be always re-created. In that direction, it sends us, teachers, to question the *self technologies* that have instituted us as teaching subjects of outsiders truths.

**Key-words** – teacher's formation (*bildung*), Nietzsche, self technologies.

# Sobre a autora

**Maria Celeste de Moura Andrade**

Natural de Belo Horizonte – Minas Gerais

Licenciada em História pela Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG

Especialista em História Moderna e Contemporânea – PUC/MINAS

Especialista em Didática para a Modernidade – UNIFRAN

Especialista em Psicopedagogia – UFU

Mestre em Educação – UNIUBE

Doutoranda em Educação – UNICAMP

Professora no Centro Universitário do Planalto de Araxá – UNIARAXÁ

## Artigos publicados

O processo interacional em sala de aula – Revista Profissão Docente – 2001

A construção da identidade do brasileiro e o ensino da História – 2001 - UNIUBE

Cultura e cidadania no cotidiano escolar – 2001 - EPECO

Identidade e diferença no ensino da História – 2002 – ENDIPE

Cidadania e estética da existência a partir da escola – 2003 - EPECO

Cidadania, cultura e diferença na escola – 2003 – ANPED

Interfaces de gênero e religiosidade na formação da professora mineira – 2004 – EPECO

A mulher professora: gênero e constituição da identidade docente – 2004 - ANPED

Diferença e cidadania: uma estética para a educação – 2005- UNIUBE

O mito religioso na constituição da mulher professora – 2005- UNIUBE

# A *bildung*<sup>1</sup> do professor

ANDRADE, Maria Celeste de Moura.

*“Eu vos digo: é preciso ter caos dentro de si para dar à luz  
uma estrela dançante”*

*“Em verdade, não se pode subtrair da ‘educação nobre a dança’ em todas as suas formas: poder dançar com os pés, com os conceitos, com as palavras; eu diria ainda que também se precisa poder dançar com a ‘pena’. – Que é preciso aprender a escrever?”*

*“Só os pensamentos que ‘surtem em movimento’ têm valor”*

Nietzsche

“Pensar com Nietzsche é jamais parar de pensar”, eu diria, inspirando-me nas palavras de Jurandir Costa Freire (1999, p. 20) sobre Michel Foucault. Pensar a Educação, com Nietzsche, é nunca parar de pensar a Educação. A proposta deste texto é trazer mais um pouco de movimento às minhas reflexões sobre formação de professores, com a qual estou envolvida, para *além do bem e do mal*, há mais de trinta anos. É me perguntar, mais uma vez, apropriando-me das palavras de Gilles Deleuze e Félix Guatarri (1992, p. 9): “o que é isso que fiz toda a minha vida”? E como não tenho a pretensão de ser filósofa, e como tal, alguém que cria conceitos,

que, pelo menos, alguns textos de Nietzsche, sobretudo os seus jovens **Escritos sobre Educação** (2003b), me provoquem no sentido de (re)pensar alguns desses conceitos que circulam nos meios educacionais em geral, e têm, em particular, me produzido como sujeito, enquanto professora de cursos de licenciatura.

O primeiro conceito a ser desestabilizado é o próprio conceito de *formação*. A *bildung*, na perspectiva de Nietzsche, vira de ponta cabeça a forma como se tem circunscrito essa idéia de formação como algo externo, aplicável, pragmático, a serviço de modelos previamente instituídos por diretrizes institucionais, e legitimadas por pretensas necessidades de um mercado. A *bildung*, de que o filósofo fala é a da auto-formação, do “como se chega a ser o que se é, é a do andar por caminhos tortos” para (re)inventar todas as verdades que nos foram sendo impostas, para que se possa (re)inventar a vida, o ensino, o mundo. Encontrei, à minha maneira, algumas pistas desses *páthos de* auto-formação nos escritos de Nietzsche. Essas pistas falam de um fugir de “se-tornar-igual a qualquer um, uma ‘ausência-de-si’, um esquecer-se de suas próprias distâncias”, instaurando que se reaprenda tudo que se ensinou até então sobre o que seja um professor, já que desinstalam uma série de verdades sobre a própria “natureza humana”:

Aquilo que a humanidade ponderou seriamente até o presente momento nem sequer são realidades, são puras ilusões, ou, para dizê-lo de um modo mais duro, **mentiras** advindas dos instintos ruins de naturezas enfermas, prejudiciais no mais profundo dos sentidos – toda essa série de noções: “Deus”, “alma”, “virtude”, “pecado”, “além”, “verdade”, “vida eterna”... Mas nelas se procurou a grandeza da natureza humana, seu “caráter divino” – todas as questões relativas à política, à ordem social, à educação são, por isso, falsificadas até à raiz, de modo que...se ensinou a desprezar as “pequenas” coisas, quero dizer, as questões fundamentais da vida. (2003a, p. 65-66) (grifo do tradutor)

Na formação de professores têm-se entrecruzado muitas dessas verdades, dessas *metanarrativas*<sup>2</sup> sobre o que seja ser humano, ensino e aprendizagem, professor e aluno, escola e vida. Expressões como educação para todos e cidadania, foram

sendo incorporadas pela formação de professores, sem maiores questionamentos. Elas foram instituindo regimes de verdade com pretensões de representação, em termos universais, totais, do humano e do social, se arrogando o direito de dizer o que deve ser conhecido e como deve ser aprendido. O recente discurso sobre inclusão e respeito à diferença transformou, especialmente os cursos de Pedagogia e Normal Superior em redutos do “bom mocismo” e do chamado “pluralismo cultural benigno” (STOER, 2000, p. 205-213), ou seja, da tendência a se tratar a diferença pela via do respeito, que a consolida enquanto essência, e não a problematiza enquanto produção cultural e discursiva, legitimando a exclusão. O termo respeito é visto incondicionalmente como um valor, como algo positivo, sem questionamento, sem procurar contextualizá-lo. Cria-se assim um relativismo cultural chique e piedoso, mas pouco problematizador, e a promoção de um falso universalismo cultural, ao invés de um diálogo mais incisivo entre as culturas. Cria-se assim um pedagogismo paternalista, impregnado de moralismo cristão, contra o qual sou levada a reagir com algumas passagens de Nietzsche, e com a necessidade de “educar com o martelo”:

Supondo que fosse verdadeiro o que agora se crê como “verdade”, ou seja, que o *sentido de toda cultura* é amestrar o animal de rapina “homem”, reduzi-lo a um animal manso e civilizado, *doméstico*, então deveríamos sem dúvida tomar aqueles instintos de reação e ressentimento, com cujo auxílio foram finalmente liquidadas e vencidas as estirpes nobres e os seus ideais, como os autênticos *instrumentos da cultura*; com o que, no entanto, não se estaria dizendo que os seus *portadores* representam eles mesmos a cultura. (1998, p. 33-34)

Hoje nada vemos que queira tornar-se maior, pressentimos que tudo desce, descende, torna-se mais ralo, mais plácido, prudente, manso, indiferente, medíocre, chinês, cristão – não há dúvida, o homem se torna cada vez “melhor”... E precisamente nisso está o destino fatal da Europa – junto com o temor do homem, perdemos também o amor a ele, a reverência por ele, a esperança em torno dele, e mesmo a vontade de que exista ele. (1998, p. 35-36)

Se os oprimidos, pisoteados, ultrajados, exortam uns aos outros, dizendo, com a vingativa astúcia da impotência: “scjamós outra coisa

que não os maus, sejamos bons! E bom é todo aquele que não ultraja, que a ninguém fere, que não ataca, que não acerta contas, que remete a Deus a vingança, que se mantém na sombra como nós, que foge de toda maldade e exige pouco da vida, como nós, os pacientes, humildes, justos... (1998, p. 37)

Essas inferências me levam a (re)pensar também o discurso da educação para todos, tão difundido nos meios pedagógicos e que tem, no nível da educação superior em geral, e no nível dos cursos de formação de professores, em particular, conduzido a um rebaixamento da qualidade dessa formação, que nos deixa bem próximos das críticas feitas por Nietzsche à *bildung* dos estabelecimentos de ensino alemães, que, em todos os estágios, inclusive na universidade, em nome de uma pretensa extensão da escolaridade, caíram na massificação e apequenamento dessa formação expressos num eruditismo vazio; num jornalismo superficial; no desenvolvimento de uma pseudocultura; no empobrecimento da língua; que nos fazem ficar, com relação aos estabelecimentos de ensino da atualidade brasileira, guardadas as devidas proporções de tempo e espaço, com uma sensação de *déjà vu*.

A proliferação pouco criteriosa dos cursos de licenciatura no Brasil e o baixo nível de dificuldade do sistema de avaliação de muitos deles, (tanto de entrada quanto de saída dos candidatos), permitem a pretensa *formação* de professores de todos os níveis, sem condições mínimas sequer de conhecimento da língua com a qual se comunicarão com seus alunos. Não vou abordar em profundidade, nos limites desse texto, a questão relativa à formação de gênios, que deveriam ser os guias de uma educação para o “raro, o excepcional, o superior”, uma educação que exigiria muito mais do que uma “simples receptividade amistosa” e sim, sobretudo “um esforço de criação, elevação e superação de si [*Selbstüberwindung*], uma condição prévia que de fato não pode, segundo Nietzsche, ser encontrada em todos os homens”. Vou apenas me inscrever na condição de quem quer pensar, com Nietzsche, uma nova educação como vida, como fenômeno estético, como combate e não passividade, como formação de si, como “uma empreitada de destruição/criação

que indica novos modos de pensar inusitados até então”. (Noéli, 2003b, p. 37)

Pensar a Educação, com Nietzsche, é circunscrever brechas para se pensar uma outra Educação, que não se fecham nunca. É pensar, por exemplo, que a auto-formação implica no:

ideal de um espírito que brinca de maneira ingênua ... com tudo aquilo que até hoje foi considerado santo, bom, intocável, divino; para o qual o mais elevado, aquilo onde o povo estabelece, baratamente, sua medida de valor, não significaria mais do que...cegueira, esquecimento temporário de si mesmo; ... e com isso, apesar de tudo isso, talvez se levante pela primeira vez a **grande seriedade**, se estabeleça a verdadeira pergunta, o destino da alma se vire de cabeça para baixo, o ponteiro se mexa, a tragédia começa... (2003a, p. 114) (grifos do tradutor)

A tragédia de Educação, assim como a de *Fausto*, está a exigir essa virada na ampulheta da noção de formação. A forma como Nietzsche se insere vigorosamente na crítica da cultura e das instituições do seu tempo nos estimula a instaurar, como faz Jorge Larrosa, um conceito de *bildung* “como a idéia que subjaz ao relato do processo temporal pelo qual um indivíduo singular alcança sua própria forma, constitui sua própria identidade, configura sua particular humanidade ou, definitivamente, converte-se no que é”. (2002, p. 52)

O “converter-se no que se é”, de Nietzsche, passa pela independência com relação às castas acadêmicas, ao Estado e à sociedade, e se institui, como tarefa educativa, naquela que se propõe “a transformar todo homem num sistema solar e planetário” que lhe revelasse a vida e o fizesse descobrir, por si mesmo, “a lei de sua mecânica superior” e o fizesse assumir, para si, “o sofrimento voluntário da veracidade” e esse sofrimento lhe servisse “para mortificar sua vontade pessoal e para preparar a subversão, a total transformação do seu ser, alvo que constitui o objetivo e o sentido verdadeiro da vida”. (Nietzsche, 2003b, p. 143, 151, 171).

Essa tarefa me estimula, como educadora, a fugir de uma pretensão iluminista de essencialidade da pessoa humana, que se mantenha estática e imutável, independente de suas contingências espaço-temporais. Estimula-me também a fugir de

uma noção histórica progressiva e linear, com a pretensão da vitória do bem e da verdade, como evolução dos comportamentos humanos, via educação. Remete-me também ao conceito de “tecnologias do eu”, de Foucault (1991), que constituem mecanismos das “experiências de si” que nos constituem, professores e alunos, enquanto sujeitos, nessa busca de nos “tornarmos o que a gente é”:

Aqui, os sujeitos não são posicionados como sujeitos silenciosos, não como objetos examinados, mas como sujeitos confessantes; não em relação a uma verdade sobre si mesmos que lhes é imposta de fora, mas em relação a uma verdade sobre si mesmos, que eles mesmos devem contribuir ativamente para produzir. (LARROSA, 1999, p. 54-55)

O mínimo que os estabelecimentos de formação de professores e seus formadores como eu, (que não têm nada do gênio pensado por Nietzsche), podem e devem fazer é não atrapalhar esse movimento no sentido do “si mesmo”, que faz da cultura uma atividade para toda a vida e não uma atividade medíocre de instruir e informar, movimento esse resumido oportunamente por Noéli Correia de Melo Sobrinho como uma aprendizagem que consiste em “despertar os sentidos para a elevação da cultura, quer dizer, afirmar a vida e o mundo na sua tragicidade”; não se tratando somente de “conhecer mais e melhor o homem e o mundo; mas antes de impulsionar outras e novas possibilidades e aspirações naqueles homens que estiverem dispostos a isso”. (2003b, p. 37)

Pensar a educação, com Nietzsche, eu repito, é jamais parar de pensar a educação, é assumir a obrigação de educar *com o martelo*, assim como Nietzsche fez com a filosofia, é, conservando a serenidade e a altivez frente a algo tão sombrio como se apresenta a educação do nosso tempo, instaurar a guerra contra os velhos conceitos educacionais, contra os ídolos carcomidos e as verdades emboloradas, que, pelo uso baseado na crença, que dispensa o pensamento, foram naturalizadas e eternizadas como bases para a formação de educadores.

Ao encerrar este texto, gostaria de ressaltar que, todo leitor é, de certa for-



ma, um traidor. Ao tentar dialogar com o autor, ele não apenas procura ouvir sua voz inscrita nas palavras, mas as interpreta, insinua, exclui, incorpora, influencia, sugere, impõe e deturpa, provocando uma verdadeira dança das cadeiras. Já que Nietzsche não pode me desculpar pelos excessos, pelo menos o faça meu leitor.

## Notas

<sup>1</sup> Formação

<sup>2</sup> Na crítica pós-modernista feita pelo filósofo francês Jean-François Lyotard, qualquer sistema teórico ou filosófico com pretensões de fornecer descrições ou explicações abrangentes e totalizantes do mundo ou da vida social. O mesmo que *grande narrativa* ou *narrativa mestra*. (SILVA, 2000, p. 78)

## Referências

---

DELEUZE, G. & GUATTARI, F. **O que é a filosofia?** Trad. de Bento Prado Júnior e Alberto Alonso Muñoz. 3. ed. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

FOUCAULT, M. **Tecnologias Del yo y otros textos afines**. Barcelona: Paidós Ibérica, 1991.

FREIRE, J.C. Prefácio a título de diálogo. In: ORTEGA, F. **Amizade e estética da existência em Foucault**. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

LARROSA, J. Tecnologias do eu e educação. In: SILVA, T. T. **O sujeito da educação: estudos foucaultianos**. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

\_\_\_\_\_. **Nietzsche & a educação**. Trad. Semíramis Gorini da Veiga. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

MELO, N. C. A pedagogia de Nietzsche. In: NIETZSCHE, F. **Escritos sobre educação**. Trad. Noéli Correia de Melo Sobrinho. Rio de Janeiro: PUC-Rio / Loyola, 2003b.

NIETZSCHE, F. **Genealogia da moral: uma polêmica**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Cia das letras, 1998.

\_\_\_\_\_ **Crepúsculo dos ídolos:** ou como filosofar com o martelo. Trad. de Marco Antônio Casa Nova. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

\_\_\_\_\_ **Ecce homo:** De como a gente se torna o que a gente é. Trad. de Marcelo Backes. Porto Alegre: L&PM, 2003a.

\_\_\_\_\_ **Escritos sobre educação.** Trad. Noéli Correia de Melo Sobrinho. Rio de Janeiro: PUC-Rio / Loyola, 2003b.

\_\_\_\_\_ **Além do bem e do mal:** prelúdio a uma filosofia do futuro. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Cia das Letras, 2005.

SILVA, T.T. **Teoria cultural e educação:** um vocabulário crítico. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

STOER, S. R. Educação e o combate ao pluralismo social benigno. In: AZEVEDO, J. C. et al. (orgs.) **Utopia e democracia na educação cidadã.** Porto Alegre: Ed. Universidade / UFRGS / Secretaria Municipal de Educação, 2000.